

GEOGRAFIA DE GÊNERO: Domicílios Chefiados por Mulheres na Cidade de Porto Alegre

Leticia Casagrande Dupont¹
Clarice Maraschin²

Resumo

Este presente trabalho aborda as relações de gênero no espaço urbano, desenvolvendo uma análise preliminar da distribuição socioespacial das mulheres-chefes de domicílios na cidade de Porto Alegre. Os objetivos desse trabalho são: a) analisar a distribuição espacial dos chefes de domicílio mulheres e homens em Porto Alegre; e b) comparar alguns aspectos socioeconômicos e culturais entre ambos. A metodologia do estudo se baseia no uso de ferramentas estatísticas e de geoprocessamento com base nos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Os resultados evidenciam uma distribuição quantitativa equânime: os domicílios em Porto Alegre são praticamente divididos entre chefias de homens e mulheres. No entanto, foi possível identificar algumas diferenças na distribuição espacial entre domicílios chefiados por homens e mulheres e nas suas condições de renda e alfabetização. Tais evidências reforçam a condição de desigualdade socioespacial entre homens e mulheres.

Palavras-chave: relações de gênero, análise socioespacial, chefia feminina.

GENDER GEOGRAPHY: Households Led by Women in the City of Porto Alegre

Abstract

This paper deals with gender relations in urban space, through a preliminary analysis of the socio-spatial distribution of female heads of households in the city of Porto Alegre. The objectives of this study are: a) to analyze the spatial distribution of male and female heads of households in Porto Alegre; and b) to compare some socioeconomic and cultural aspects between both. The methodology of the study is based on the use of statistical and geoprocessing tools based on data from the 2010 IBGE Demographic Census. The results show an equal quantitative distribution: households in Porto Alegre are practically divided between male and female heads. However, it was possible to identify some differences in the spatial distribution between domiciles headed by men and women and in their income and literacy conditions. Such evidence reinforces the condition of socio-spatial inequality between men and women.

Keywords: gender relations, socio-spatial analysis, female leadership.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – E-mail: leticiadupont@gmail.com

² Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – E-mail: clarice.maraschin@ufrgs.br

Introdução

Os avanços na conquista dos direitos das mulheres ao longo das décadas trouxeram reflexos sociais em diversas instâncias, entre elas, na família e no mercado de trabalho. A autonomia feminina é também observada em mudanças na configuração dos arranjos familiares, contribuindo no crescimento do número de mulheres responsáveis pelos domicílios e, de acordo com os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, representando quase a mesma proporção que das famílias chefiadas por homem em Porto Alegre.

Diante dessas transformações, busca-se aprofundar as relações de gênero enquanto agentes centrais na construção do espaço urbano. Como forma de unir a categoria de gênero ao conceito de espaço, utiliza-se de análises espaciais a fim de observar as desigualdades existentes entre homens e mulheres. Será dada ênfase à uma abordagem espacial, porém que revelará diversos aspectos enraizados na sociedade quanto à condição feminina. Este trabalho tem como objetivos: a) analisar a distribuição espacial dos chefes de domicílio mulheres e homens em Porto Alegre; e b) comparar alguns aspectos socioeconômicos e culturais entre ambos. A metodologia do estudo se baseia no uso de ferramentas estatísticas e de geoprocessamento com base nos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

O restante do artigo está organizado conforme segue. A próxima sessão apresenta o referencial teórico do estudo, abordando inicialmente as transformações do papel da mulher na sociedade que repercutiram em mudanças na própria constituição das famílias. Na sequência, apresenta-se uma breve revisão da questão do gênero associada à dimensão espacial das cidades. A terceira sessão traz a metodologia do trabalho e a quarta apresenta os principais resultados e discussões sobre o estudo empírico em Porto Alegre. O trabalho finaliza com algumas evidências permitidas pela análise bem como aponta possibilidades de continuidade da pesquisa nesse tema.

Mulheres chefes de domicílios

Os dados que fazem parte do estudo “Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios”, coordenado pela Escola Nacional de Seguros, e mostram que de 2001 a 2015, as famílias chefiadas por mulheres mais que dobraram em termos absolutos (105%), passando de 14,1 milhões em 2001 para 28,9 milhões em 2015. Em termos percentuais, as famílias chefiadas por homens diminuíram de 72,6% em 2001 para 59,5% em 2015, enquanto o percentual de famílias chefiadas por mulheres subiu de 27,4% para 40,5%, no mesmo período. O crescimento da chefia feminina é uma tendência nacional e a cidade de Porto Alegre acompanhou o crescimento no país: o número de mulheres responsáveis pelos domicílios aumentou 30,82% do ano de 2000 a 2010 (IBGE, Censos Demográficos de 2000 e 2010). São diversas as explicações para o crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres, entre elas estão as mudanças nos padrões de comportamento social e cultural, a reconfiguração dos arranjos familiares e ao empoderamento feminino, associado à uma maior autonomia financeira.

O aumento do número de famílias chefiadas por mulheres está relacionado às mudanças no comportamento social e cultural da sociedade. Estudos do Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2017 apontaram a maior aceitação de modelos menos tradicionalistas, nos quais são toleradas famílias em que não sejam apenas homens as pessoas de referência. Sendo assim, “embora seja fácil encontrar manifestações concretas do tradicional patriarcado, o poder masculino absoluto não é mais a regra

e o país passa por um lento, mas continuado, processo de despatriarcalização” (CAVERNAGHI e ALVES, 2018).

A maior participação das mulheres no mercado de trabalho e a crescente escolarização delas contribuíram não apenas para a maior autonomia e independência financeira feminina diante do homem como também traz repercussões no âmbito familiar, levando a interferências diretas na relação da família e na organização e configuração dos arranjos familiares. As transformações da sociedade possibilitaram uma maior pluralidade na organização das famílias e não há um modelo único de família, existem uniões monoparentais femininas, masculinas e homoafetivas, que podem ter ou não filhos. Nesse contexto, Moraes (2014) afirma que “a diversidade de arranjos familiares que conhecemos hoje (monoparentais, unipessoais, famílias recompostas, homoafetivas, etc.) é decorrente de transformações no contexto societário mais amplo”.

Assim, embora haja semelhanças nas vivências das mulheres chefes de domicílios, não se pode considerar uma categoria única e homogênea de mulher, uma vez que por trás de cada uma há uma diversidade de trajetórias e experiências (MACÊDO, 1999; MENDES, 2004). Dessa forma, “ser chefe de família, pobre e negra, ao invés de branca das camadas médias constitui dimensões que não podem ser separadas” (MACÊDO, 2001, p.61), pois reflete em diversas dimensões de acesso a bens culturais e materiais.

Soares (2011) ressalta que as autoras das mais diversas vertentes do feminismo, desde as mais radicais até as conservadoras, relacionam a “feminização da pobreza” com dois elementos: o aumento da chefia feminina como indicador de pobreza e a inserção das mulheres no mercado de trabalho de forma subalternizada. No entanto, o aumento no número de lares chefiados por mulheres “não pode ser associado automaticamente com os processos de exclusão e vulnerabilidade social e muito menos à perspectiva da feminização da pobreza” (CAVERNAGHI e ALVES, 2018).

Geografia e gênero

Segundo Reis (2015) realizar uma análise geográfica do tecido social incorporando as teorias de gênero permite desvendar as manifestações espaciais e territoriais de diversos grupos sociais que, por meio de suas práticas, constroem diferentes espaços geográficos, pois o gênero é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo. O propósito central de tal abordagem é examinar até que ponto os homens e as mulheres experimentam de forma diferente os lugares e os espaços, mostrando que tais diferenças formam parte da constituição social tanto do lugar quanto do gênero.

Diniz (2002) apresenta uma revisão de literatura internacional sobre geografia e gênero, identificando estudos que analisaram diferenças entre homens e mulheres em vários aspectos espaciais. Segundo o autor, baseado na realidade de Tucson, Arizona Rosenbloom e Burns (1989) revelaram que as mulheres são mais propensas a dirigir até o local de trabalho do que os homens, apesar de na média morarem mais próximas aos locais de trabalho. Apesar da maior proximidade ao local de trabalho, o tempo médio de deslocamento entre residência e trabalho das mulheres é superior ao dos homens. Tais inconsistências são explicadas pelo acúmulo de funções sociais desempenhada pelas mulheres, uma vez que além do trabalho assalariado, as mulheres mantêm a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e manutenção da casa. Portanto, ao longo dos deslocamentos entre residência e trabalho, inúmeras tarefas são realizadas, tais como visitas ao supermercado, médico das crianças, reuniões

entre pais e professores, etc. (Diniz, 2002:6)

Outro trabalho (Jones e Kodras, 1990, apud Diniz, 2002) examina a dimensão geográfica da feminização da pobreza nos Estados Unidos. Os autores discutem o crescimento do fenômeno e revelam um forte padrão concentrador, encontrando-se as mulheres chefes de domicílio abaixo da linha da pobreza sobretudo na porção sul dos Estados Unidos. Três explicações são ofertadas para o crescente fenômeno: a reestruturação familiar, mudanças no sistema de bem-estar social e o próprio status da mulher no trabalho. Enquanto na América Latina, estudo (Rogers, 1995 apud Novellino, 2008) analisando os dados para a República Dominicana, concluiu que, neste país, os domicílios chefiados por mulheres não eram mais pobres que aqueles chefiados por homem. No caso brasileiro, Mendes (2004) afirma que o crescimento do número de mulheres responsáveis pelos domicílios, indicado nas estatísticas nacionais, mais do que representar mudança de gênero na provisão econômica familiar ou autonomia feminina indica, em se tratando de camadas pobres, a condição de vulnerabilidade de tais mulheres.

Diniz (2002) desenvolve estudo comparativo em Belo Horizonte verificando que as mulheres apresentam um nível de escolaridade mais baixo, bem como apresentam-se concentradas em faixas de renda inferiores. Do ponto de vista da forma de ocupação de imóveis, as mulheres apresentam-se em situação menos vantajosas, estando mais vinculadas ao aluguel que os homens. Segundo o autor, contrariando a tese da condição social precarizada, seu estudo revela que, do ponto de vista espacial, as mulheres chefes de domicílio encontram-se concentradas sobretudo no entorno do centro da cidade, estando assim inseridas em contextos mais atraentes que os homens, gozando de maior acesso à infraestrutura urbana como água, esgoto, coleta de lixo, iluminação pública e pavimentação. A explicação para isso seria que, sendo grande parte das mulheres responsáveis por domicílios detentoras de responsabilidades múltiplas, as localizações nas cercanias dos locais de trabalho são favorecidas. Por outro lado, não se pode esquecer que no centro da cidade estão concentrados boa parte dos empregos no setor terciário, sobretudo da administração no qual as mulheres abundam (Diniz, 2002:29).

É importante destacar também o papel que a apropriação diferenciada do espaço urbano desempenha nesses processos. Maricato (2003:152) assume que “a segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma”. Para a autora, a segregação territorial, com sua materialização espacial, está no centro da desigualdade social, uma vez que o valor da terra faz com que grupos de indivíduos de menor poder na sociedade ocupem lugares com menos infraestruturas e com isso tenham menos acesso à equipamentos e oportunidades. Carlos (2008) parte da premissa de que a ocupação dos espaços urbanos é resultado de uma hierarquia social. O espaço se torna, assim, um meio de dominação social e produto resultante dessa dominação (Carlos, 2001).

Metodologia

Visando analisar a distribuição socioespacial da condição das mulheres na cidade de Porto Alegre, a metodologia do trabalho se baseia na análise socioespacial através do uso de ferramentas estatísticas e de geoprocessamento. A manipulação do banco de dados, desde sua construção, sistematização e compatibilização, bem como organização e análise dos resultados, foi realizada no ArcGIS, v.10.1 (ESRI, 2012), que é um software de ambiente SIG (Sistema de Informações Geográficas). O SIG é um sistema automatizado que permite o armazenamento, tratamento e análise de dados georreferenciados. Nele são associadas informações geográficas a bancos de

dados convencionais.

São utilizados os dados do Censo Demográfico de 2010, do IBGE, desagregados por setores censitários. As delimitações dos setores são estabelecidas pelo IBGE para fins de coleta e controle cadastral. A razão pela qual foram utilizados os dados por setores censitários deve-se ao fato destes serem as menores unidades territoriais para as quais os dados do Censo estão disponíveis. Além disso, a espacialização de dados na menor escala disponível possibilita análises mais profundas do espaço urbano, visto que a cidade possui significativas diferenciações socioeconômicas, inclusive em áreas próximas.

As variáveis analisadas (tabela 1) foram relacionadas aos responsáveis pelos domicílios particulares permanentes de Porto Alegre. Os responsáveis foram desagregados por gênero e, para a comparação de alguns aspectos socioeconômicos e culturais entre homens e mulheres, foram selecionadas as variáveis de alfabetização e rendimento médio mensal (figura 1).

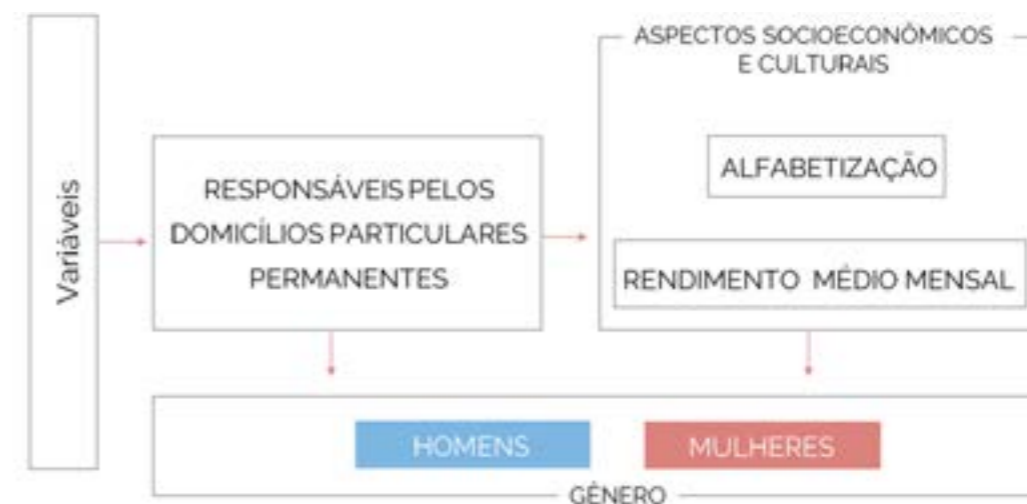


Figura 1: Diagrama da metodologia por grupos de variáveis. Fonte: autoras.

Aspecto analisado	Planilhas e variáveis do Censo 2010	Procedimento estatístico
Quantidade de domicílios chefiados por homens e mulheres	Arquivo Domicílio, características gerais: Planilha Domicílio01 V002 – Total de Domicílios Particulares Permanentes	Porcentagens de Domicílios particulares permanentes com homem responsável: $\% = \frac{[V062 + \dots + V068]}{V002} \times 100$
	V062 até V068 - Domicílios particulares permanentes com homem responsável V081 até V087 - Domicílios particulares permanentes com mulher responsável	Porcentagens de Domicílios particulares permanentes com mulher responsável: $\% = \frac{[V081 + \dots + V087]}{V002} \times 100$
Alfabetização dos responsáveis pelo domicílio	Arquivo Responsável pelo domicílio, mulheres: Planilha Responsável01 V001 – Total de pessoas responsáveis, do sexo feminino V093 – Total de pessoas alfabetizadas responsáveis, do sexo feminino	Porcentagens de Domicílios particulares permanentes com mulher alfabetizada responsável: $\% = \frac{V093}{V001} \times 100$
	Arquivo Responsável pelo domicílio, total e homens: Planilha Responsável02 V109 – Total de pessoas responsáveis, do sexo masculino V201 – Total de pessoas alfabetizadas responsáveis, do sexo masculino	Porcentagens de Domicílios particulares permanentes com homem alfabetizado responsável: $\% = \frac{V201}{V109} \times 100$
Renda dos responsáveis pelo domicílio	Arquivo Renda da Pessoa Responsável: Planilha ResponsávelRenda V042 – Total de pessoas responsáveis com ou sem rendimento, do sexo masculino V044 – Total do rendimento nominal mensal das pessoas responsáveis, do sexo masculino	Rendimento Médio Mensal dos homens responsáveis pelos domicílios particulares permanentes: $\text{Média} = \frac{V044}{V042}$
	V064 – Total de pessoas responsáveis com ou sem rendimento, do sexo feminino V066 – Total do rendimento nominal mensal das pessoas responsáveis, do sexo feminino	Rendimento Médio Mensal das mulheres responsáveis pelos domicílios particulares permanentes: $\text{Média} = \frac{V066}{V064}$

Resultados e discussão

O estudo empírico deste trabalho é a cidade de Porto Alegre, que conta com 1.409.351 habitantes (IBGE, 2010). A Figura 1 apresenta a localização da cidade no estado do Rio Grande do Sul e sua área urbanizada.

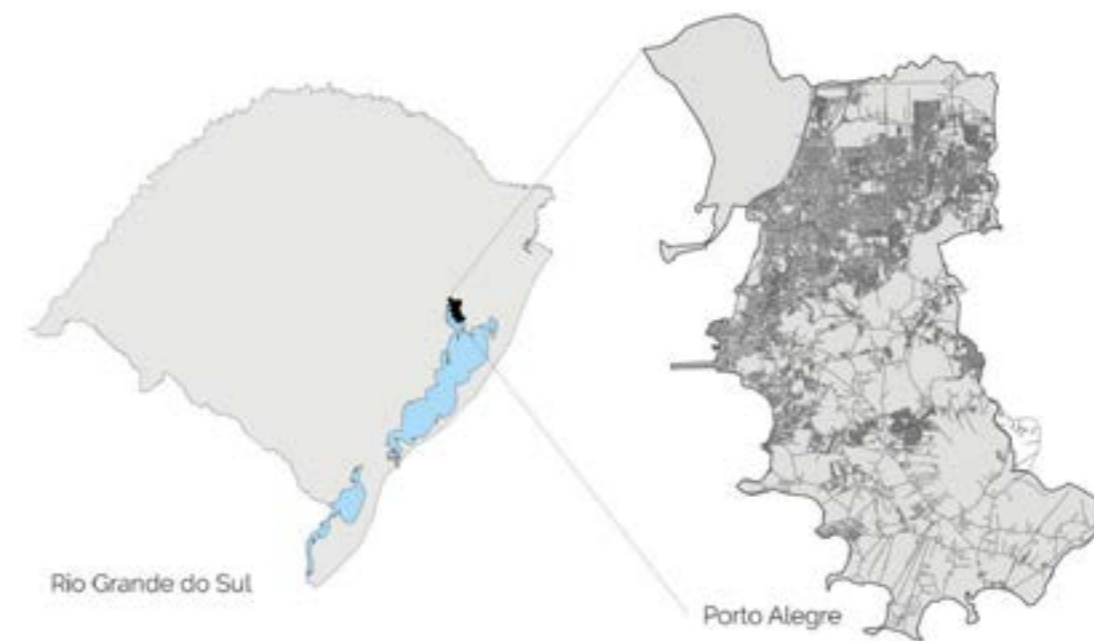


Figura 2: Localização de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul (esquerda) e mapa do município de Porto Alegre com a representação da malha viária (direita). Fonte: autoras.

O número de mulheres responsáveis pelos domicílios vem aumentando no país, em 2000 as mulheres chefiavam 24,9%, em 2010 essa proporção cresceu para 38,7% (IBGE, Censos Demográficos de 2000 e 2010). Acompanhando o crescimento nacional, o número de mulheres responsáveis pelos domicílios vem aumentando na cidade de Porto Alegre. Em 2000, as mulheres representavam 38,12% dos responsáveis por domicílios, passando para 49,87% em 2010 (tabela 2). Em variação percentual, nota-se o aumento de 30,82% de mulheres chefiando os domicílios em comparação com os homens, de 2000 a 2010 (tabela 3). Cabe ressaltar que o percentual de mulheres residentes em Porto Alegre é superior ao percentual de homens, segundo os dados do Censo de 2010, 53,61% da população porto-alegrense é representada por mulheres. Analisando a distribuição espacial dos domicílios chefiados pelos dois gêneros (figura 2), uma primeira observação dos mapas evidencia que os domicílios chefiados por

mulheres estão distribuídos em toda a cidade. No entanto, a região central concentra a maior parte dos setores censitários com porcentagens de 57,2% até 77,6% dos domicílios chefiados por mulheres. Assim, identificou-se uma concentração nas áreas mais centrais: Centro Histórico e bairros peri-centrais. Estas são áreas de maior concentração de empregos, infraestrutura e grande densidade populacional.

Ao observar o mapa de homens responsáveis pelos domicílios percebe-se uma distribuição mais periférica, as áreas do Extremo Sul e Zona Norte tiveram a maior concentração de setores censitários com porcentagens superiores a 57,2% dos domicílios chefiados por homens. Além disso, foi necessária a criação de uma nova classe na legenda do mapa, representando os percentuais de 77,7% até 85,7%, percentuais os quais não estavam presentes no mapa de distribuição espacial da chefia feminina. Foram contabilizados 12 setores censitários nessa nova classe e nenhum deles localiza-se na região central e peri-central.

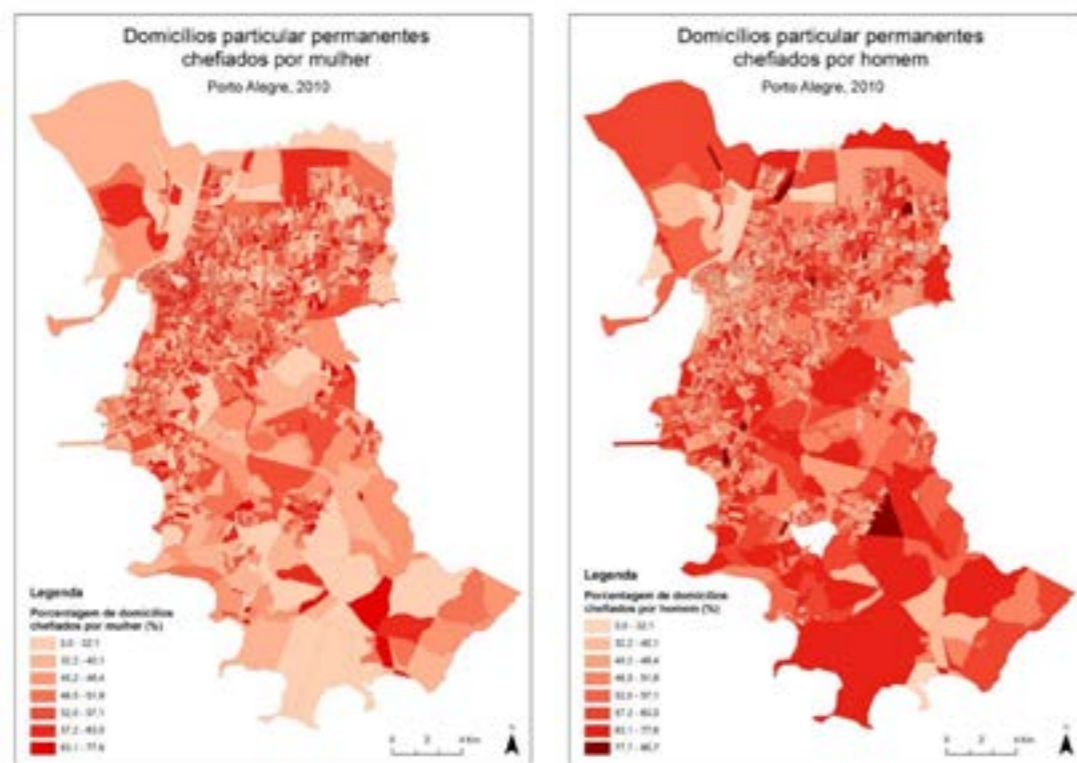
Responsáveis por Domicílios em Porto Alegre	2000		2010	
	Valor Absoluto	Percentual (%)	Valor Absoluto	Percentual (%)
Homens	273.621	61,88%	254.878	50,13%
Mulheres	168.583	38,12%	253.578	49,87%
Total	442.204	100 %	508.456	100%

Tabela 2: Valores absolutos e percentuais dos responsáveis por domicílios homens e mulheres na cidade de Porto Alegre. Fonte: Observatório da Cidade de Porto Alegre

Responsáveis por Domicílios em Porto Alegre	Variação (em percentual) no período de 1991 a 2010	
	1991 - 2000	2000 - 2010
Homens	Diminuiu 13,03%	Diminuiu 18,99%
Mulheres	Aumentou 32,12%	Aumentou 30,82%

Tabela 3: Variação em valores percentuais dos responsáveis por domicílios homens e mulheres na cidade de Porto Alegre no período de 1991 a 2010. Fonte: Observatório da Cidade de Porto Alegre

Figura 3: Proporção de domicílios chefiados por mulheres (esquerda) e por homens (direita) em Porto Alegre, por setor censitário. Fonte: dados do Censo IBGE, 2010.



Aspectos Culturais – alfabetização dos responsáveis por domicílio

A pesquisa Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010, realizada pelo IBGE, comparou os dados do Censo dos anos de 2000 e 2010 e revelou o aumento da escolaridade das mulheres a nível nacional. Os dados estão desagregados por idade: na faixa etária de 18 a 24 anos, a taxa de frequência escolar líquida das mulheres aumentou de 38,6%, em 2000, para 52,2% em 2010; representando um crescimento de 35,2% de 2000 para 2010. Comparando a escolaridade de homens e mulheres, no nível superior se encontra a maior e mais evidente diferença na escolaridade entre os gêneros no Brasil: em 2010, foi de 15,6% o percentual de homens que completaram a graduação, enquanto o percentual das mulheres chegou a 21,5%.

No que diz respeito a escolaridade dos chefes de domicílio na cidade de Porto Alegre, estudos realizados pelo Observatório da Cidade de Porto Alegre³, com base nos dados do Censo IBGE de 2000, mostraram que as mulheres possuíam, em média, 8,7 anos de estudos, enquanto os homens tinham, em média, 9,3 anos de estudo. Nos questionários do Censo Demográfico de 2010 não foram incluídas perguntas sobre os anos de estudos dos chefes dos domicílios desagregados por gênero, impossibilitando a comparação entre os anos 2000 e 2010. Por essa mesma razão, a análise da escolaridade presente neste trabalho se restringiu ao número absoluto de alfabetizados, não levando em consideração o nível educacional. No entanto, análises do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 para Porto Alegre mostraram que em relação ao nível de estudo, em média, as mulheres chefes de domicílios possuem mais anos de estudo do que os homens chefes, porém, a diferença é pouco significativa: as mulheres apresentam em média 7,1 anos de estudo, enquanto os homens apresentam 6,9.

No que se refere à alfabetização dos responsáveis por domicílios, os dados do Censo de 2010 evidenciam uma distribuição quantitativa semelhante: de todos os domicílios com responsáveis alfabetizados, 50,44% deles são chefiados por homens e 49,55% pelas mulheres (tabela 4).

Total de domicílios com responsáveis alfabetizados em Porto Alegre	2010	
	Valor Absoluto	Percentual (%)
Homens	250.868	50,44%
Mulheres	246.426	49,55%
Total	497.294	100 %

Tabela 4: Valores absolutos e percentuais dos responsáveis alfabetizados por domicílios na cidade de Porto Alegre. Fonte: Censo IBGE 2010

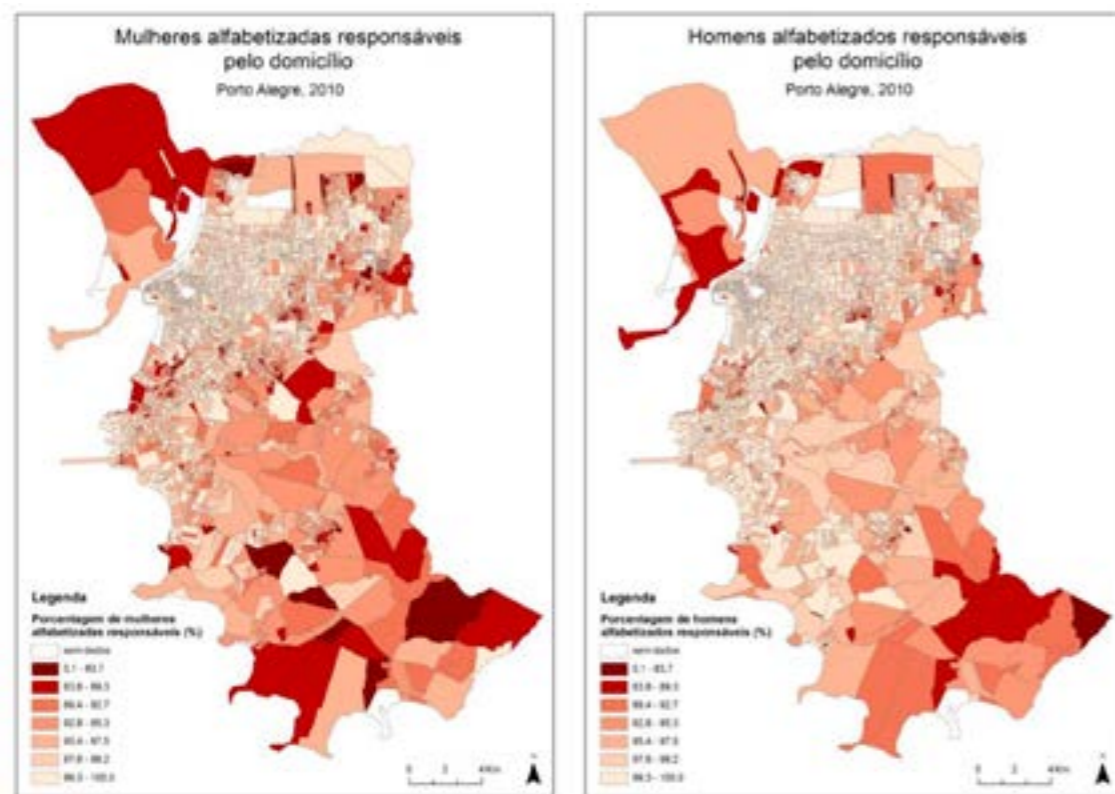
Analisando a espacialização dos dados (figura 3), as cores mais fortes representam os mais altos percentuais de analfabetismo entre os responsáveis de domicílios. Pode-se observar que as áreas mais densas e com melhor infraestrutura da cidade são ocupadas pela população com os mais altos índices de alfabetização dos responsáveis, tanto homens quanto mulheres.

Nesse contexto, cabe lembrar que o processo de urbanização das cidades brasileiras é marcado pela desigualdade no espaço urbano. A partir da década de 50, em que

3 Informações retiradas do Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG), disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/>> Acesso em 04/10/2018.

se intensificaram os processos de industrialização, as cidades brasileiras receberam uma massa populacional de migrantes que chegam às cidades grandes e ocupam as áreas periféricas, regiões menos centrais e de pouco interesse do capital imobiliário. Dessa forma, a organização do espaço urbano no Brasil se estruturou pautando a terra como uma mercadoria, e nela estando relacionados os fatores de localização, acessibilidade e infraestrutura. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbana também refletem em menos oportunidades de emprego e de escolarização (VILLAÇA, 1986; MARICATO, 1996; MARICATO, 2000).

Figura 4: Proporção de domicílios chefiados por mulheres alfabetizadas (esquerda) e por homens alfabetizados (direita) em Porto Alegre, por setor censitário. Fonte: dados do Censo IBGE, 2010.



Seguindo a análise socioespacial em Porto Alegre, a proporção de analfabetismo é mais alta nas áreas periféricas, evidenciando as desigualdades no espaço urbano. Ainda, comparando a distribuição de homens e mulheres responsáveis analfabetos na periferia, nota-se a maior proporção de mulheres responsáveis analfabetas.

Aspectos Socioeconômicos – renda dos responsáveis por domicílio

Ainda que os dados demonstrem uma maior escolaridade das mulheres em relação aos homens, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e a elevação da sua renda, persistem significativas desigualdades salariais entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções. Além disso, a desigualdade não se restringe apenas a remuneração e a inserção das mulheres na força de trabalho, mas também a oportunidades, com interferência direta na qualidade de vida delas e de suas famílias, sejam elas chefes dos domicílios ou não.

A pesquisa “Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” realizada pelo IBGE feita com base nos dados da PNAD-Contínua de 2016 mostraram que, mesmo sendo mais escolarizadas, as mulheres brasileiras recebem, em média, 34 do valor pago aos homens. Corroborando as pesquisas nacionais, em Porto Alegre, as análises do Observatório da Cidade de Porto Alegre, a partir dos dados do Censo de 2010, relativo ao rendimento mediano mensal de trabalho das pessoas com 10

anos ou mais, mostram que para cada R\$ 100 de renda recebido pelas mulheres, os homens porto-alegrenses recebiam R\$ 120.

Renda média mensal dos responsáveis por domicílios em Porto Alegre	2010
	Valor Absoluto em Reais
Média dos responsáveis	2.456,26
Média dos responsáveis homens	2.905,44
Média dos responsáveis mulheres	1.862,79

Tabela 5: Valores absolutos em reais da renda média mensal dos responsáveis por domicílios na cidade de Porto Alegre. Fonte: Censo IBGE 2010

Com relação aos responsáveis por domicílios na cidade de Porto Alegre, a renda média mensal das mulheres responsáveis em 2010 foi de R\$ 1.862,79, enquanto os homens responsáveis por domicílios recebiam R\$ 2.905,44 em média por mês (tabela 5). Em valores percentuais, as mulheres chefes de domicílios recebiam 55,9% a menos que os homens, reafirmando as desigualdades salariais entre homens e mulheres.

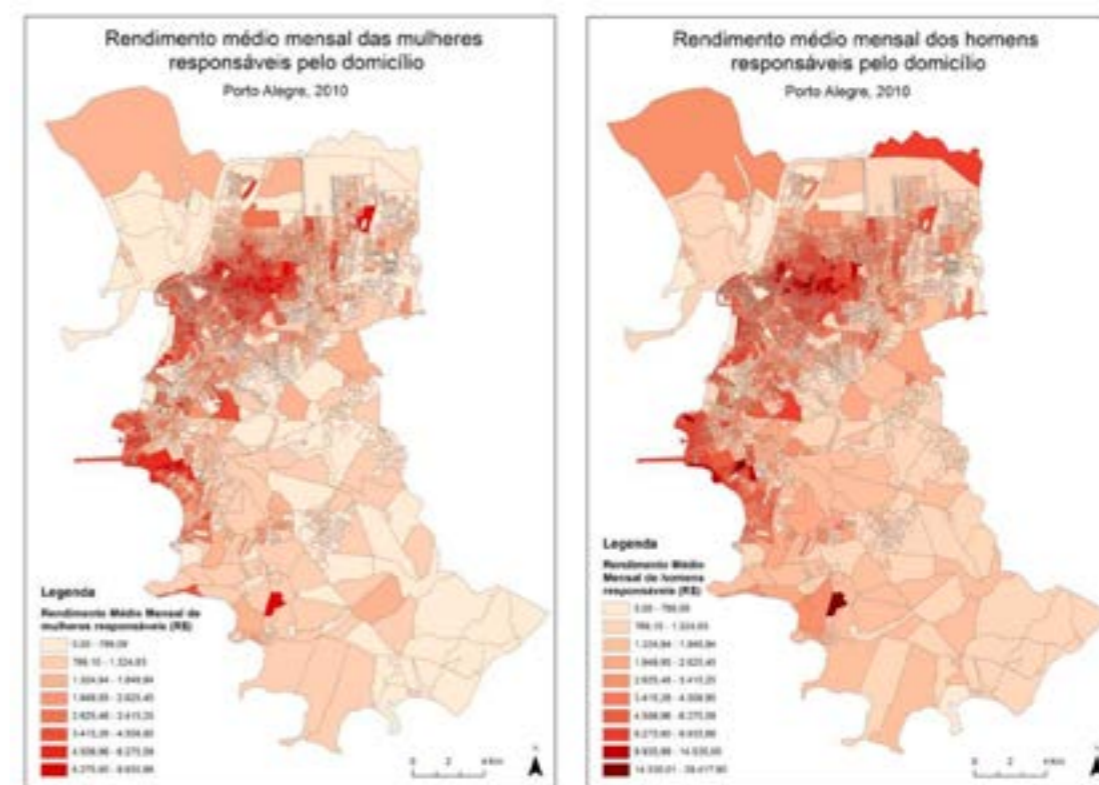


Figura 5: Rendimento médio dos responsáveis por domicílios mulheres (esquerda) e homens (direita) em Porto Alegre, por setor censitário. Fonte: dados do Censo IBGE, 2010.

Ao analisarmos as faixas de renda dos chefes de domicílio, percebe-se uma acentuada diferenciação espacial no rendimento médio da população residente nas áreas centrais e na residente nas áreas periféricas, semelhante à distribuição espacial dos índices de alfabetização. A Figura 4, mostra em ambos os mapas uma concentração espacial de estratos de alta renda na direção centro-leste da cidade e também na direção sul, junto à orla do Lago Guaíba. É evidente a desigualdade no espaço urbano, facilmente observada na concentração espacial da população de alta renda localizada nas áreas centrais, as quais desfrutam de maior infraestrutura e acessibilidade.

Quanto à distribuição socioespacial das mulheres chefes de domicílios, nota-se que segue o mesmo padrão da distribuição dos homens responsáveis por domicílios.

A marcante discrepância é na coloração dos mapas, demonstrando o superior rendimento médio mensal dos homens em comparação com o das mulheres. Foram necessárias a criação de duas novas classes na legenda do mapa dos homens chefes de domicílios, que representassem os rendimentos médios mensais superiores a R\$ 9.935,89 – valor máximo no rendimento médio mensal das mulheres. Por exemplo, analisando um mesmo setor censitário de alta renda, pode-se observar que, enquanto a mulher chefe de domicílio recebe aproximadamente entre R\$ 6.000 a R\$ 9.000 (estrato mais alto na legenda da figura 4), o homem chefe de domicílio neste mesmo setor chega a receber entre R\$ 14.000 a R\$ 29.000 (dois estratos acima na legenda da figura 4), sinalizando uma diferença de 2 a 3 vezes mais do que o rendimento da mulher responsável. Pode-se dizer que nas classes mais privilegiadas da sociedade, a diferença entre rendimentos médios dos homens e das mulheres resulta mais significativa do que entre homens e mulheres das classes mais baixas.

Considerações Finais

Este artigo desenvolveu uma análise comparativa da condição dos chefes de domicílio homens e mulheres na cidade de Porto Alegre, enfocando a sua distribuição espacial e aspectos socioeconômicos e culturais. Foi possível verificar que, em Porto Alegre, o número de domicílios chefiados por mulheres está aumentando e já representa quase a mesma proporção dos domicílios chefiados por homens. Verificou-se que, apesar de presentes em toda a cidade, há uma concentração dos domicílios chefiados por mulheres nas áreas mais centrais da cidade, região com maior infraestrutura e concentração de empregos. Estes resultados vão de encontro às análises de Diniz (2002) que verificou que as mulheres chefes de domicílio encontram-se concentradas sobretudo no entorno do centro da cidade de Belo Horizonte. Macêdo (1999) ressalta que os estudos de chefia feminina devem entender que essa é uma situação vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes classes sociais, não estando direta e exclusivamente ligada aos processos de exclusão social e à pobreza.

Nos aspectos culturais e socioeconômicos conferiu-se que, independente do gênero, a população mais alfabetizada e de maior renda está concentrada nas regiões centrais: áreas mais densas, com melhor infraestrutura e acesso aos serviços, evidenciando as desigualdades no espaço urbano. Quanto à distribuição socioespacial das mulheres chefes de domicílio em Porto Alegre, nas análises de alfabetização, verificou-se que a periferia da cidade concentra altas proporções de responsáveis analfabetas, maiores do que as de homens. A análise da renda dos responsáveis por domicílios evidenciou uma grande diferença entre homens e mulheres. Enquanto que a distribuição espacial dos estratos de renda se mostrou semelhante, os valores de renda média das mulheres são muito superiores para os homens. Verificou-se que nas classes mais privilegiadas da sociedade, a diferença entre rendimentos médios dos homens e das mulheres resulta mais significativa do que entre homens e mulheres das classes mais baixas. Análise esta que segue os estudos de Macêdo (1999) ao afirmar que a distância em termos de renda entre homens e mulheres das camadas mais pobres vem diminuindo.

Cabe ressaltar que embora os dados tenham apontado que as mulheres responsáveis pelos domicílios tenham mais anos de estudo que os homens, estes têm os maiores salários, evidenciando uma significativa desigualdade de gênero. O estudo contribuiu para evidenciar características da condição feminina nas cidades, podendo subsidiar políticas públicas e urbanas específicas voltadas a esse tema.

Com relação a metodologia deste trabalho, a utilização dos dados intraurbanos desagregados por setores censitários possibilitaram a sistematização de alguns indicadores socioespaciais na cidade de Porto Alegre, sendo uma ferramenta potencial

para os estudos urbanos. Outras análises, considerando os dados do próximo Censo IBGE de 2020, permitiriam um acompanhamento temporal na distribuição socioespacial desses indicadores. Futuros estudos poderão aprofundar essa análise a partir da utilização de novas metodologias, gerando medidas mais complexas como indicadores espaciais de equidade no acesso aos locais de emprego, estudo, compras, serviços de saúde, etc.

Referências Bibliográficas

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re) produção do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 2008.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

DINIZ, Alexandre M. A. Diferenças sócio-espaciais entre homens e mulheres chefes de domicílio de belo horizonte: uma análise exploratória com a ajuda de técnicas de geoprocessamento. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2011.

MACÊDO, Márcia dos Santos. Tecendo os fios e segurando as pontas: trajetórias e experiências entre mulheres chefes de família em Salvador. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999.

MACÊDO, Márcia dos Santos. Tecendo o fio e segurando as pontas: mulheres chefes de família em Salvador. In C. Bruschini & C. R. Pinto (Orgs.), Tempos e lugares de gênero. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Editora 34, 2001, p. 53-83.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, vol. 14, n 4, 2000 p. 21-33.

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. Estudos avançados. São Paulo: IEA USP, vol. 17, n. 48, 2013, p. 151-166.

MARICATO, Ermínia. Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Hucitec, vol. 10, 1996.

MENDES, Mary Alves. Mulheres Chefes de Domicílios em Camadas Pobres: trajetória familiar, trabalho e relações de gênero. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, n. 14, 2004, Caxambu.

MORAES, Patrícia Maccarini. Arranjos familiares monoparentais e chefiados por mulheres: pobreza e sobrecarga. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3, 2014, Londrina.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Chefia feminina de domicílio como indicador de feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres pobres. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

REIS, Maíra Lopes. "Estudos de Gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço". Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, n. 38, p.11-34

SOARES, Suamy Rafaely. A feminização da pobreza e as políticas públicas sociais focalizadas nas mulheres: um debate a ser repensado? In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, n. 5, 2011, São Luís.

VILLAÇA, Flavio Jose Magalhaes. O que todo cidadão precisa saber sobre habitação. São Paulo: Global, 1986.